

CARTA APOSTÓLICA
DESIDERIO DESIDERAVI
DO SANTO PADRE
FRANCISCO
AOS BISPOS, AOS SACERDOTES
E AOS DIÁCONOS,
PARA AS PESSOAS CONSAGRADAS
E A TODOS OS FIÉIS LEIGOS
SOBRE A FORMAÇÃO LITÚRGICA
DO POVO DE DEUS

*Desiderio desideravi
hoc Pascha manducare vobiscum,
antequam patiar (Lc 22, 15)*

1. Queridos irmãos e irmãs:

Com esta carta, desejo chegar a todos – depois de ter escrito aos Bispos após a publicação do *Motu Proprio Traditionis Custodes* – para partilhar convosco algumas reflexões sobre a Liturgia, dimensão fundamental para a vida da Igreja. O assunto é muito extenso e merece cuidadosa consideração em todos os seus aspectos: no entanto, com este escrito não pretendo tratar o assunto de forma exaustiva. Quero simplesmente oferecer alguns elementos de reflexão para contemplar a beleza e a verdade da celebração cristã.

A Liturgia: o “hoje” da história da salvação

2. “Tenho ardentemente desejado comer esta Páscoa convosco, antes de padecer” (Lc 22,15). As palavras de Jesus com as quais começa o relato da Última Ceia são o meio pelo qual nos é dada a admirável possibilidade de vislumbrar a profundidade do amor das Pessoas da Santíssima Trindade para conosco.

3. Pedro e João foram enviados para preparar o necessário para poder comer a Páscoa, mas, olhando bem, toda a criação, toda a história – que finalmente estava prestes a revelar-se como história da salvação – é uma grande preparação para essa Ceia. Pedro e os demais estão naquela mesa, inconscientes e ao mesmo tempo necessários: todo o dom, para ser tal, deve ter alguém disposto a recebê-lo. Neste caso, a desproporção entre a imensidão do dom e a pequenez de quem o recebe é infinita e não pode deixar de nos surpreender. No entanto – pela misericórdia do Senhor – o dom é confiado aos Apóstolos para que seja levado a todos os homens.

4. Ninguém ganhou lugar naquela Ceia, todos foram convidados, ou melhor, atraídos pelo desejo ardente que Jesus tem de comer aquela Páscoa com eles: Ele sabe que é o Cordeiro daquela Páscoa, Ele sabe que é a Páscoa. Esta é a novidade absoluta daquela Ceia, a única e verdadeira novidade da história, que a torna única e, portanto, “última”, irrepitível. No entanto, o Seu desejo infinito de restabelecer aquela comunhão conosco, que foi e continua a ser o seu projeto original, não será satisfeito até que todo o homem, de toda a tribo, língua, povo e nação (Ap 5,9) tenha comido o Seu Corpo e bebido o Seu Sangue: portanto, essa mesma Ceia estará presente na celebração da Eucaristia até ao Seu regresso.

5. O mundo ainda não sabe, mas todos estão *convidados para o banquete das bodas do Cordeiro* (Ap 19,9). A única coisa necessária para ter acesso é o vestido nupcial da fé que vem da escuta da Sua Palavra (cf. Rm 10,17): a Igreja fá-lo à medida, com a brancura de uma roupa *lavada no Sangue do Cordeiro* (cf. Ap 7,14). Não devemos ter um momento de descanso, sabendo que nem todos receberam ainda o convite para a Ceia, ou que outros o esqueceram, ou o perderam nos tortuosos caminhos da vida humana. Por isso, tenho dito que “sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo actual que à auto-preservação” (Evangelii gaudium, n. 27): para que todos possam sentar-se à ceia sacrificial do Cordeiro e viver dEle.

6. Antes da nossa resposta ao Seu convite – muito antes – está o Seu desejo por nós: podemos até não estar cientes disso, mas cada vez que vamos à Missa, a razão principal é porque somos atraídos pelo Seu desejo por nós. De nossa parte, a resposta possível, a ascese mais exigente, é, como sempre, entregar-se ao Seu amor, deixar-se atrair por Ele. Certamente, a nossa comunhão com o Corpo e Sangue de Cristo foi desejado por Ele na Última Ceia.

7. O conteúdo do Pão partido é a cruz de Jesus, o Seu sacrifício em amorosa obediência ao Pai. Se não tivéssemos a Última Ceia, ou seja, a antecipação ritual da sua morte, não teríamos podido compreender como a execução da Sua sentença de morte poderia ser o ato perfeito e agradável de adoração ao Pai, o único verdadeiro ato de adoração. Poucas horas depois, os Apóstolos teriam podido ver na cruz de Jesus, se tivessem suportado o seu peso, o que significava “corpo entregue”, “sangue derramado”: e é o que recordamos em cada Eucaristia. Quando Ele volta, ressuscitado dos

mortos, para partir o pão para os discípulos de Emaús e a sua família, que voltaram para pescar peixes e não homens, no lago da Galileia, aquele gesto abre-lhes os olhos, cura-os da cegueira provocada pelo horror da cruz, tornando-os capazes de “ver” o Ressuscitado, de crer na Ressurreição.

8. Se tivéssemos chegado a Jerusalém depois do Pentecostes e tivéssemos sentido o desejo não só de ter notícias de Jesus de Nazaré, mas de reencontrá-lo, não teríamos outra possibilidade senão buscar os seus para ouvir as Suas palavras e ver os Seus gestos, mais vivos do que nunca. Não teríamos outra possibilidade de um verdadeiro encontro com Ele a não ser na comunidade que celebra. Por isso, a Igreja sempre guardou, como o seu tesouro mais precioso, o mandato do Senhor: “fazei isto em memória de mim”.

9. Desde o início, a Igreja teve consciência de que não era uma representação, nem mesmo sagrada, da Ceia do Senhor: não faria qualquer sentido e ninguém pensaria em “encená-la” – ainda mais sob o olhar de Maria, a Mãe do Senhor – aquele momento exaltado na vida do Mestre. Desde o início, a Igreja compreendeu, iluminada pelo Espírito Santo, que o que era visível em Jesus, o que podia ser visto com os olhos e tocado com as mãos, as Suas palavras e os Seus gestos, a concretude do Verbo Encarnado, passou à celebração dos sacramentos [1].

A Liturgia: lugar de encontro com Cristo

10. Aqui está toda a poderosa beleza da Liturgia. Se a Ressurreição fosse para nós um conceito, uma ideia, um pensamento; se o Ressuscitado fosse para nós a memória da memória dos outros, tão autorizados como os Apóstolos, se não nos fosse dada também a possibilidade de um verdadeiro encontro com Ele, seria como declarar consumada a novidade do Verbo feito carne. Por outro lado, a Encarnação, além de ser o único evento novo conhecido na história, é também o método que a Santíssima Trindade escolheu para nos abrir o caminho da comunhão. A fé cristã ou é um encontro vivo com Ele, ou não é.

11. A Liturgia garante-nos a possibilidade de tal encontro. Uma vaga lembrança da Última Ceia não nos serve, precisamos de estar presentes naquela Ceia, de poder ouvir a Sua voz, de comer o Seu Corpo e beber o Seu Sangue: precisamos Dele. Na Eucaristia e em todos os Sacramentos são garantidas a possibilidade de encontrar o Senhor Jesus e ser alcançados pelo poder da sua Páscoa. O poder salvífico do sacrifício de Jesus, de cada uma das Suas palavras, de cada um dos Seus gestos,

olhar, sentir, chega até nós na celebração dos Sacramentos. Eu sou Nicodemos e a Samaritana, o endemoninhado de Cafarnaum e o paralítico da casa de Pedro, o pecador perdoado e a mulher afligida por hemorragias, a filha de Jairo e o cego de Jericó, Zaqueu e Lázaro; o ladrão e Pedro, perdoado. O Senhor Jesus que *imolado, não morre mais; e sacrificado, vive para sempre* [2], continua a perdoar-nos, a curar-nos e a salvar-nos com o poder dos Sacramentos. Pela encarnação, é a forma concreta com que Ele nos ama; é a maneira pela qual Ele sacia aquela sede por nós que declarou na cruz (Jo 19,28).

12. O nosso primeiro encontro com a sua Páscoa é o acontecimento que marca a vida de todos nós, crentes em Cristo: o nosso batismo. Não é uma adesão mental ao seu pensamento ou submissão a um código de comportamento imposto por ele: é a imersão na sua paixão, morte, ressurreição e ascensão. Não é um gesto mágico: a magia é contrária à lógica dos Sacramentos porque afirma ter poder sobre Deus e, por isso, vem do tentador. Em perfeita continuidade com a Encarnação, é-nos dada a possibilidade, em virtude da presença e ação do Espírito, de morrer e ressuscitar em Cristo.

13. A maneira como isso acontece é comovente. A oração de bênção pela água batismal [3] revela-nos que Deus criou a água precisamente em vista do batismo. Quer dizer que enquanto Deus criou a água, pensou no batismo de cada um de nós, e este pensamento acompanhou-O nas Suas ações ao longo da história da salvação todas as vezes que, com um propósito específico, quis usar a água. É como se, depois de a criar, quisesse aperfeiçoá-la para se tornar a água do batismo. E por isso quis enchê-la com o movimento do seu Espírito que pairava sobre ela (cf. Gn 1,2), para que contivesse em si o poder de santificar; Ele usou-a para regenerar a humanidade no dilúvio (cf. Gn 6,1-9,29); Ele dominou-a separando-a para abrir um caminho de libertação no Mar Vermelho (cf. Ex 14); Ele consagrou-a no Jordão, submergindo a carne do Verbo, impregnada do Espírito (cf. Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22). Finalmente, misturou-a com o sangue do seu Filho, dom do Espírito inseparavelmente ligado ao dom da vida e da morte do Cordeiro imolado por nós, e do seu lado traspassado derramou-o sobre nós (Jo 19,34). Nesta água fomos imersos para que, pelo seu poder, pudéssemos ser inseridos no Corpo de Cristo e, com Ele, ressuscitar para a vida imortal (cf. Rm 6,1-11).

A Igreja: Sacramento do Corpo de Cristo

14. Como nos recordou o Concílio Vaticano II (cf. Sacrosanctum Concilium, n. 5), citando a Escritura, os Padres e a Liturgia – colunas da verdadeira Tradição – *do lado de Cristo adormecido*

na cruz brotou o admirável sacramento de toda a Igreja [4]. O paralelismo entre o primeiro e o novo Adão é surpreendente: assim como do lado do primeiro Adão, depois de ter deixado cair uma letargia sobre ele, Deus formou Eva, do lado do novo Adão, adormecido no sono da morte, nasce a nova Eva, a Igreja. O espanto está nas palavras que, poderíamos imaginar, o novo Adão faz suas olhando para a Igreja: “Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gén 2,23). Por termos crido na Palavra e termos descendido na água do batismo, tornamo-nos osso dos seus ossos, carne da sua carne.

15. Sem esta incorporação, não há possibilidade de experimentar a plenitude do culto a Deus. De facto, apenas um é o ato perfeito e agradável de adoração ao Pai, a obediência do Filho cuja medida é a sua morte na cruz. A única possibilidade de participar na sua oferta é ser filhos no Filho. Este é o presente que recebemos. O sujeito que atua na Liturgia é sempre e somente Cristo-Igreja, o Corpo Místico de Cristo.

O significado teológico da liturgia

16. Devemos ao Concílio – e ao movimento litúrgico que o precedeu – a redescoberta da compreensão teológica da Liturgia e da sua importância na vida da Igreja: os princípios gerais enunciados pela *Sacrosanctum Concilium*, assim como eram fundamentais para a reforma, continuem a ser para a promoção de uma participação plena, consciente, ativa e fecunda na celebração (cf. *Sacrosanctum Concilium*, n. 11.14), “fonte primária e necessária da qual os fiéis devem beber o espírito verdadeiramente cristão” (*Sacrosanctum Concilium*, No. 14). Com esta carta, gostaria simplesmente de convidar toda a Igreja a redescobrir, guardar e viver a verdade e a força da celebração cristã. Gostaria que a beleza da celebração cristã e as suas consequências necessárias na vida da Igreja não fossem desfiguradas por uma compreensão superficial e redutora do seu valor ou, pior ainda, pela sua instrumentalização ao serviço de alguma visão ideológica, seja ela qual for. A oração sacerdotal de Jesus na Última Ceia para que todos sejam um (Jo 17,21), julga todas as nossas divisões em torno do Pão partido, *sacramento da piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade* [5].

17. Adverti em várias ocasiões sobre uma perigosa tentação para a vida da Igreja que é o “mundanismo espiritual”: falei muito sobre isso na Exortação *Evangelii gaudium* (nn. 93-97), identificando o gnosticismo e o neopelagianismo como os dois modos ligados entre si, que o alimentam.

O primeiro reduz a fé cristã a um subjetivismo que encerra o indivíduo “na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos” (*Evangelii gaudium*, 94).

O segundo anula o valor da graça para contar apenas com a própria força, dando origem a “um elitismo narcísico e autoritário, onde em vez de evangelizar o que se faz é analisar e classificar os outros, e em vez de facilitar o acesso se gasta energias no controle da graça” (*Evangelii gaudium*, n. 94).

Estas formas distorcidas de cristianismo podem ter consequências desastrosas para a vida da Igreja.

18. É evidente, em tudo o que quis recordar acima, que a Liturgia é, pela sua própria natureza, o antídoto mais eficaz contra esses venenos. Obviamente, falo da Liturgia no seu sentido teológico e – Pio XII já disse – não como um *cerimonial decorativo... ou um mero conjunto de leis e preceitos...* que ordena o cumprimento dos ritos [6].

19. Se o gnosticismo nos intoxica com o veneno do subjetivismo, a celebração litúrgica liberta-nos da prisão de uma autorreferencialidade alimentada pela nossa própria razão ou sentimento: a ação celebrativa não pertence ao indivíduo, mas a Cristo-Igreja, à totalidade dos fiéis unidos em Cristo. A liturgia não diz “eu”, mas “nós”, e qualquer limitação à amplitude desse “nós” é sempre demoníaca. A Liturgia não nos deixa sozinhos na busca de um suposto conhecimento individual do mistério de Deus, mas toma-nos pela mão, juntos, em assembleia, para nos conduzir ao mistério que a Palavra e os sinais sacramentais nos revelam. E fá-lo, em coerência com a ação de Deus, seguindo o caminho da Encarnação, através da linguagem simbólica do corpo, que se estende às coisas, ao espaço e ao tempo.

Redescobrir todos os dias a beleza da verdade da celebração cristã

20. Se o neopelagianismo nos intoxica com a presunção de uma salvação conquistada com a nossa força, a celebração litúrgica purifica-nos proclamando a gratuidade do dom da salvação recebido na fé. Participar no sacrifício eucarístico não é uma conquista nossa, como se nos pudéssemos vangloriar diante de Deus e diante dos nossos irmãos. O início de cada celebração lembra-me quem eu sou, pedindo-me para confessar o meu pecado e convidando-me a rezar à Bem-Aventurada Virgem Maria, aos anjos, aos santos e a todos os irmãos e irmãs, para interceder por mim diante do

Senhor: certamente não somos dignos de entrar em sua casa, precisamos de uma palavra dele para nos salvar (cf. Mt 8,8). Não temos outra glória senão a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Gl 6,14). A liturgia não tem nada a ver com um moralismo ascético: é o dom pascal do Senhor que, acolhido com docilidade, renova a nossa vida. Não se entra no Cenáculo senão pela força atrativa do seu desejo de comer a Páscoa connosco: *Desiderio desideravi hoc Pascha manducare vobiscum, antequam patiar* (Lc 22,15).

21. No entanto, devemos ter cuidado: para que o antídoto da liturgia seja eficaz, somos chamados a redescobrir todos os dias a beleza da verdade da celebração cristã. Refiro-me, mais uma vez, ao seu significado teológico, como admiravelmente descrito no n. 7 da *Sacrosanctum Concilium*: a Liturgia é o sacerdócio de Cristo revelado e que nos é dado na sua Páscoa, presente e atuante hoje por meio de sinais sensíveis (água, óleo, pão, vinho, gestos, palavras) para que o Espírito, mergulhando-nos no mistério pascal, transforme toda a nossa vida, conformando-nos cada vez mais a Cristo.

22. A contínua redescoberta da beleza da Liturgia não é a busca de um esteticismo ritual, que se compraz apenas com o cuidado da formalidade externa de um rito, ou se satisfaz com uma escrupulosa observância das rubricas. Evidentemente, esta afirmação não pretende apoiar, de forma alguma, a atitude oposta que confunde o simples com um descuido banal, o essencial com superficialidade ignorante, o concreto da ação ritual com um funcionalismo prático exagerado.

23. Sejamos claros: é preciso cuidar de todos os aspectos da celebração (espaço, tempo, gestos, palavras, objetos, roupas, canções, música,...) e observar todas as rubricas: esta atenção seria suficiente para não roubar à assembleia o que lhe corresponde, isto é, o mistério pascal celebrado na forma ritual estabelecida pela Igreja. Mas mesmo que a qualidade e o padrão da ação comemorativa fossem garantidos, isso não seria suficiente para a nossa plena participação.

Maravilhar-se com o mistério pascal, parte essencial da ação litúrgica

24. Se faltar o assombro pelo mistério pascal que se faz presente na concretude dos sinais sacramentais, corremos o risco de ser verdadeiramente impermeáveis ao oceano de graça que inunda cada celebração. Não bastam os esforços, ainda que louváveis, por uma melhor qualidade da celebração, nem um apelo à interioridade: mesmo isso corre o risco de se reduzir a uma subjetividade vazia se não acolher a revelação do mistério cristão. O encontro com Deus não é o resultado de uma busca interior individual, mas é um acontecimento dado: podemos encontrar Deus

através do facto novo da Encarnação que, na Última Ceia, chega ao ponto de querer ser comido por nós. Como pode escapar-nos lamentavelmente o fascínio pela beleza desta dádiva?

25. Quando digo espanto pelo mistério pascal, não me refiro absolutamente ao que me parece significar a vaga expressão “sentido do mistério”: às vezes, entre as alegadas acusações contra a reforma litúrgica está a de se ter – diz-se – afastado da celebração. O espanto de que falo não é uma espécie de desorientação diante de uma realidade obscura ou de um rito enigmático, mas é a admiração pelo facto de que o plano salvífico de Deus nos foi revelado na Páscoa de Jesus (cf. Ef 1,3- 14), cuja eficácia continua a chegar até nós na celebração dos “mistérios”, isto é, dos sacramentos. No entanto, não deixa de ser verdade que a plenitude da revelação tem, em relação à nossa finitude humana, um excesso que nos transcende e que terá o seu cumprimento no fim dos tempos, quando o Senhor voltar. Se o espanto for verdadeiro, não há risco de que a alteridade da presença de Deus não seja percebida, mesmo na proximidade que a Encarnação quis. Se a reforma tivesse eliminado esse “sentido do mistério”, seria um mérito e não uma acusação. A beleza, como a verdade, gera sempre admiração e, quando se refere ao mistério de Deus, leva à adoração.

26. O espanto é parte essencial da ação litúrgica porque é a atitude de quem sabe que está diante da peculiaridade dos gestos simbólicos; é a maravilha de quem experimenta a força do símbolo, que não consiste em referir-se a um conceito abstrato, mas em conter e expressar, na sua concretude, o que significa.

A necessidade de uma formação litúrgica séria e vital

27. Esta é, pois, a questão fundamental: como recuperar a capacidade de viver plenamente a ação litúrgica? A reforma do Concílio tem esse objetivo. O desafio é muito exigente, porque o homem moderno – não em todas as culturas da mesma forma – perdeu a capacidade de enfrentar a ação simbólica, que é uma característica essencial do ato litúrgico.

28. A pós-modernidade – em que o homem se sente ainda mais perdido, sem referências de qualquer tipo, desprovido de valores, porque se tornou indiferente, órfão de tudo, numa fragmentação em que um horizonte de sentido parece impossível – continua a carregar o pesado legado deixado para nós pela era anterior, composta de individualismo e subjetivismo (reminiscente, mais uma vez, do pelagianismo e do gnosticismo), bem como de um espiritualismo

abstrato que contradiz a própria natureza do homem, o espírito encarnado e, portanto, em si capaz de ação e compreensão simbólica.

29. A Igreja reunida no Concílio quis enfrentar a realidade da modernidade, reafirmando a sua consciência de ser sacramento de Cristo, luz do povo (Lumen Gentium), escutando atentamente a Palavra de Deus (*Dei Verbum*) e reconhecendo como suas as alegrias e esperanças (Gaudium et spes) dos homens de hoje. As grandes Constituições conciliares são inseparáveis, e não é por acaso que esta única grande reflexão do Concílio Ecumênico – expressão máxima da sinodalidade da Igreja, de cuja riqueza sou chamado a ser, com todos vocês, guardião – começou da Liturgia (*Sacrosanctum Concilium*).

30. Concluindo a segunda sessão do Concílio (4 de dezembro de 1963), São Paulo VI assim se expressou [7]:

“Não ficou sem fruto a discussão difícil e intrincada, pois um dos temas — o primeiro a ser examinado e o primeiro, em certo sentido, na excelência intrínseca e na importância para a vida da Igreja — o da sagrada Liturgia, foi felizmente concluído e é hoje por Nós solenemente promulgado. Exulta o Nosso espírito com este resultado. Vemos que se respeitou nele a escala dos valores e dos deveres: Deus, em primeiro lugar; a oração, a nossa primeira obrigação; a Liturgia, fonte primeira da vida divina que nos é comunicada, primeira escola da nossa vida espiritual, primeiro dom que podemos oferecer ao povo cristão que junto a nós crê e ora, e primeiro convite dirigido ao mundo para que solte a sua língua muda em oração feliz e autêntica e sinta a inefável força regeneradora, ao cantar connosco os divinos louvores e as esperanças humanas, por Cristo Nosso Senhor e no Espírito Santo”.

31. Nesta carta não posso me deter na riqueza de cada uma das expressões, que deixo para vossa meditação. Se a Liturgia é “simultaneamente a meta para a qual se encaminha a acção da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força” (*Sacrosanctum Concilium*, 10), compreendemos bem o que está em jogo na questão litúrgica. Seria trivial ler as tensões, infelizmente presentes em torno da celebração, como uma simples divergência entre diferentes sensibilidades sobre uma forma ritual. O problema é, antes de tudo, eclesiológico. Não vejo como se pode dizer que a validade do Concílio seja reconhecida – embora me surpreenda um pouco que um católico possa presumir não fazê-lo – e não aceitar a reforma litúrgica nascida da *Sacrosanctum Concilium*, que expressa a realidade da

Liturgia em estreita ligação com a visão da Igreja admiravelmente descrita pela *Lumen Gentium*. Por isso – como expliquei na carta enviada a todos os Bispos – senti-me no dever de afirmar “os livros litúrgicos promulgados pelos Santos Pontífices Paulo VI e João Paulo II, de acordo com os decretos do Concílio Vaticano II, como única expressão da *lex orandi* do Rito Romano” (*Motu Proprio Traditionis custodes*, art. 1).

A não aceitação da reforma, bem como uma compreensão superficial dela, desvia-nos da tarefa de encontrar as respostas para a pergunta que repito: como crescer na capacidade de viver plenamente a ação litúrgica? Como podemos continuar a maravilhar-nos com o que acontece diante dos nossos olhos na celebração? Precisamos de uma formação litúrgica séria e vital.

32. Voltemos ao Cenáculo de Jerusalém: na manhã de Pentecostes nasceu a Igreja, célula inicial da nova humanidade. Somente a comunidade de homens e mulheres reconciliados, porque foram perdoados; vivos, porque Ele está vivo; verdadeiros, porque são habitados pelo Espírito da verdade, podem abrir o estreito espaço do individualismo espiritual.

33. É a comunidade de Pentecostes que pode partir o Pão com a certeza de que o Senhor está vivo, ressuscitado dos mortos, presente com a sua palavra, com os seus gestos, com a oferta do seu Corpo e do seu Sangue. A partir desse momento, a celebração torna-se o lugar privilegiado, não o único, do encontro com Ele. Sabemos que, só graças a este encontro, o homem se torna plenamente homem. Só a Igreja de Pentecostes pode conceber o homem como pessoa, aberta a uma relação plena com Deus, com a criação e com os seus irmãos.

34. Aqui surge a questão decisiva da formação litúrgica. Guardini diz: “É assim que se delineia também a primeira tarefa prática: apoiados por esta transformação interior do nosso tempo, devemos aprender mais uma vez a situarmo-nos diante da relação religiosa como homens em sentido pleno [8]. É isto que torna a Liturgia possível, é nisso que nos devemos formar. O próprio Guardini não hesita em afirmar que, sem formação litúrgica, “as reformas no rito e no texto não servem de muito” [9]. Não pretendo agora tratar exaustivamente do riquíssimo tema da formação litúrgica: quero apenas oferecer alguns pontos de reflexão. Acho que podemos distinguir dois aspectos: a formação para a Liturgia e a formação a partir da Liturgia. A primeira é uma função da segunda, que é essencial.

35. É necessário encontrar canais para uma formação como estudo da Liturgia: desde o movimento litúrgico, muito se tem feito nesse sentido, com valiosas contribuições de muitos estudiosos e instituições acadêmicas. No entanto, é necessário difundir este conhecimento fora do âmbito acadêmico, de forma acessível, para que cada crente cresça no conhecimento do significado teológico da Liturgia – esta é a questão decisiva e fundacional de todo o conhecimento e de toda a prática litúrgica –, bem como no desenvolvimento da celebração cristã, adquirindo a capacidade de compreender os textos eucológicos, os dinamismos rituais e o seu valor antropológico.

36. Penso na normalidade das nossas assembleias que se reúnem para celebrar a Eucaristia no Dia do Senhor, domingo após domingo, Páscoa após Páscoa, em momentos específicos da vida das pessoas e das comunidades, nas diversas idades da vida: os ministros ordenados realizam uma ação pastoral da maior importância quando levam pela mão os fiéis batizados para conduzi-los à repetida experiência da Páscoa. Recordemos sempre que a Igreja, Corpo de Cristo, é sujeito celebrante, não apenas o sacerdote. O conhecimento que vem do estudo é apenas o primeiro passo para poder entrar no mistério celebrado. É evidente que, para orientar os irmãos e irmãs, os ministros que presidem à assembleia devem conhecer o caminho, tanto por tê-lo estudado no mapa da ciência teológica, como por tê-lo percorrido na prática de uma experiência de fé viva, alimentada pela oração, certamente não apenas como um compromisso a cumprir. No dia da ordenação, cada sacerdote ouve o seu bispo dizer: “Considera o que fazes e imita o que comemoras, e conforma a tua vida com o mistério da cruz do Senhor” [10].

37. A configuração do estudo da Liturgia nos seminários deve levar em conta também a extraordinária capacidade que a celebração tem em si mesma de oferecer uma visão orgânica do conhecimento teológico. Cada disciplina de teologia, na sua perspectiva, deve mostrar a sua íntima ligação com a Liturgia, em virtude da qual se revela e se realiza a unidade da formação sacerdotal (cf. *Sacrosanctum Concilium*, 16). Uma configuração litúrgico-sapiencial da formação teológica nos seminários certamente teria efeitos positivos, também na ação pastoral. Não há aspecto da vida eclesial que não encontre nela o seu ápice e a sua fonte. A pastoral global, orgânica e integrada, mais do que o resultado da elaboração de complicados programas, é a consequência de colocar a celebração eucarística dominical, fundamento da comunhão, no centro da vida da comunidade. A compreensão teológica da Liturgia não permite, de forma alguma, compreender essas palavras como se tudo se reduzisse ao aspecto cultural. Uma celebração que não evangeliza não é autêntica, assim como não é um anúncio que não conduz ao encontro com o Ressuscitado na celebração:

ambos, pois, sem o testemunho da caridade, são como um metal que ressoa ou um címbalo que atordoia (cf. 1Cor 13,1).

38. Para os ministros e para todos os batizados, a formação litúrgica, no seu primeiro sentido, não é algo que possa ser conquistado de uma vez por todas: visto que o dom do mistério celebrado excede a nossa capacidade de conhecimento, este compromisso deve certamente acompanhar a permanente formação de cada um, com a humildade dos pequeninos, atitude que abre ao espanto.

39. Uma observação final sobre os seminários: além do estudo, eles devem também oferecer a oportunidade de experimentar uma celebração, não apenas exemplar do ponto de vista ritual, mas também autêntica, vital, que permita viver aquela verdadeira comunhão com Deus, para a qual também deve tender o conhecimento teológico. Somente a ação do Espírito pode aperfeiçoar o nosso conhecimento do mistério de Deus, que não é uma questão de compreensão mental, mas de uma relação que toca a vida. Esta experiência é fundamental para que, uma vez ordenados ministros, possam acompanhar as comunidades no mesmo caminho de conhecimento do mistério de Deus, que é mistério de amor.

40. Esta última consideração leva-nos a refletir sobre o segundo sentido com o qual podemos entender a expressão “formação litúrgica”. Refiro-me a ser formado, cada um segundo a sua vocação, participando na celebração litúrgica. Mesmo o conhecimento do estudo que acabo de mencionar, para que não se torne racionalismo, deve basear-se na implementação da ação formativa da Liturgia em cada crente em Cristo.

41. Do que dissemos sobre a natureza da Liturgia, é evidente que o conhecimento do mistério de Cristo, questão decisiva para as nossas vidas, não consiste numa assimilação mental de uma ideia, mas num envolvimento existencial real com a sua pessoa. Nesse sentido, a liturgia não tem nada a ver com “conhecimento”, e a sua finalidade não é primordialmente pedagógica (embora tenha grande valor pedagógico: cf. *Sacrosanctum Concilium*, 33), mas é louvor, ação de graças pela Páscoa do Filho, cujo poder salvador entra nas nossas vidas. A celebração tem que ver com a realidade de sermos dóceis à ação do Espírito, que nela atua, até que Cristo seja formado em nós (cf. Gl 4,19). A plenitude da nossa formação é a conformação com Cristo. Repito: não se trata de um processo mental e abstrato, mas sim de chegar a ser Ele. Este é o propósito para o qual foi dado o Espírito, cuja ação é sempre e somente confeccionar o Corpo de Cristo. É assim com o pão

eucarístico, é assim para cada batizado chamado a ser, cada vez mais, o que recebeu de dom no batismo, ou seja, ser membro do Corpo de Cristo. Leão Magno escreve: “A nossa participação no Corpo e Sangue de Cristo tende a não fazer outra coisa senão tornar-se o que comemos” [11].

42. Esta implicação existencial realiza-se – em continuidade e coerência com o método da Encarnação – por meios sacramentais. A Liturgia é feita de coisas que são exatamente o oposto das abstrações espirituais: pão, vinho, óleo, água, perfume, fogo, cinzas, pedra, tecido, cores, corpo, palavras, sons, silêncios, gestos, espaço, movimento, ação, ordem, tempo, luz. Toda a criação é uma manifestação do amor de Deus: desde que esse mesmo amor se manifestou plenamente na cruz de Jesus, toda a criação é atraída por Ele. É toda a criação que se supõe ser colocada ao serviço do encontro com Deus. Verbo encarnado, crucificado, morto, ressuscitado, ascendido ao Pai. Assim como ele canta a oração sobre a água para a pia batismal, assim como a oração sobre o óleo para o sagrado crisma e as palavras da apresentação do pão e do vinho, frutos da terra e trabalho do homem.

43. A liturgia dá glória a Deus não porque possamos acrescentar algo à beleza da luz inacessível em que Ele habita (cf. 1 Tm 6,16) ou à perfeição do canto angélico, que ressoa eternamente nas moradas celestiais. A liturgia dá glória a Deus porque nos permite, aqui na terra, ver Deus na celebração dos mistérios e, ao vê-lo, reviver através da sua Páscoa: nós, que estávamos mortos pelos pecados, fomos ressuscitados pela graça com Cristo (cf. Ef 2,5), nós somos a glória de Deus. Irineu, *doctor unitatis*, lembra-nos: “A glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem consiste na visão de Deus: se já a revelação de Deus através da criação dá vida a todos os seres vivos na terra, quanto mais a manifestação do Pai através do Verbo é causa de vida para quem vê Deus!” [12].

44. Guardini escreve: “Isso delinea a primeira tarefa do trabalho de formação litúrgica: o homem deve tornar-se novamente capaz de símbolos” [13]. Esta tarefa diz respeito a todos, ministros ordenados e fiéis. A tarefa não é fácil, porque o homem moderno é analfabeto, já não sabe ler os símbolos, mal sabe da sua existência. Isso também acontece com o símbolo do nosso corpo. É um símbolo porque é a união íntima da alma e do corpo, visibilidade da alma espiritual na ordem do corpóreo, e nele consiste a singularidade humana, a especificidade da pessoa irreduzível a qualquer outra forma de ser vivo. A nossa abertura ao transcendente, a Deus, é constitutiva: não reconhecê-lo leva-nos inevitavelmente a um não conhecimento, não só de Deus, mas também de nós mesmos.

Basta ver a forma paradoxal como o corpo é tratado, ou tratado quase obsessivamente em busca do mito da eterna juventude, ou reduzido a uma materialidade à qual toda a dignidade é negada. O facto é que não se pode dar valor ao corpo apenas a partir do corpo. Todo o símbolo é poderoso e frágil: se não for respeitado, se não for tratado pelo que é, quebra, perde a força, torna-se insignificante.

Já não temos o olhar de São Francisco, que olhou para o sol – que chamava de irmão porque assim o sentia –, o viu belo e radiante *cum grande splendore* e, cheio de espanto, cantou: *de te Altissimu, porta significatione*. [14] A perda da capacidade de compreender o valor simbólico do corpo e de cada criatura torna a linguagem simbólica da Liturgia quase inacessível ao homem moderno. Não se trata, porém, de renunciar a essa linguagem: ela não pode ser renunciada porque é aquela que a Santíssima Trindade escolheu para chegar até nós na carne do Verbo. Pelo contrário, trata-se de recuperar a capacidade de representar e compreender os símbolos da Liturgia. Não é preciso desesperar, porque no homem essa dimensão, como acabei de dizer, é constitutiva e, apesar dos males do materialismo e do espiritismo – ambos negação da unidade do corpo e da alma –, está sempre pronta a reaparecer, como toda a verdade.

45. Então, a pergunta que nos fazemos é como nos tornarmos capazes de símbolos novamente? Como saber lê-los novamente para vivê-los? Sabemos muito bem que a celebração dos sacramentos é – pela graça de Deus – eficaz em si mesma (*ex opere operato*), mas isso não garante um envolvimento pleno das pessoas sem uma forma adequada de se situar diante da linguagem da celebração. A leitura simbólica não é uma questão de conhecimento mental, de aquisição de conceitos, mas uma experiência vital.

46. Acima de tudo, devemos recuperar a confiança na criação. Com isto quero dizer que as coisas – com as quais os sacramentos são “feitos” – vêm de Deus, são orientadas para Ele e foram assumidas por Ele, especialmente com a encarnação, para se tornarem instrumentos de salvação, veículos do Espírito, canais de graça. Aqui se adverte a distância, tanto da visão materialista quanto da espiritualista. Se as coisas criadas são parte inalienável da ação sacramental que realiza a nossa salvação, devemos colocar-nos diante delas com um olhar novo, não superficial, respeitoso, agradecido. Desde o início, contêm a semente da graça santificante dos sacramentos.

47. Outra questão decisiva – refletindo novamente sobre como a Liturgia nos forma – é a educação necessária para adquirir a atitude interior que nos permite situar e compreender os símbolos litúrgicos. Expresso-o de forma simples. Estou a pensar nos pais e, mais ainda, nos avós, mas também nos nossos párocos e catequistas. Muitos de nós aprendemos com eles o poder dos gestos litúrgicos, como o sinal da cruz, o ajoelhar-se ou as fórmulas da nossa fé. Talvez não tenhamos uma lembrança vívida disso, mas podemos facilmente imaginar o gesto de uma mão maior pegando na mão pequena de uma criança e acompanhando-a lentamente enquanto traça, pela primeira vez, o sinal da nossa salvação. O movimento é acompanhado pelas palavras, também lentas, como que para se apropriar de cada momento daquele gesto, de todo o corpo: “Em nome do Pai... e do Filho... e do Espírito Santo... Amém” . Para depois soltar a mão da criança e, pronto a socorrê-la, ver como só ela repete aquele gesto já proferido, como se fosse um hábito que vai crescer com ela, vestindo-a da maneira que só o Espírito sabe. A partir desse momento, esse gesto, a sua força simbólica, pertence-nos, ou melhor, pertencemos a esse gesto, ele dá-nos forma, somos moldados por ele. Não é necessário falar muito, não é necessário ter entendido tudo sobre esse gesto: é preciso ser pequeno, tanto ao dar como ao recebê-lo. O resto é obra do Espírito. Assim, fomos iniciados na linguagem simbólica. Não podemos permitir que essa riqueza nos seja roubada. À medida que crescemos, podemos ter mais meios para compreender, mas sempre com a condição de permanecermos pequenos.

Ars celebrandi

48. Uma maneira de preservar e crescer na compreensão vital dos símbolos da Liturgia é, certamente, cuidar da arte de celebrar. Esta expressão também está sujeita a diferentes interpretações. Compreende-se mais claramente tendo em conta o sentido teológico da Liturgia descrito no número 7 da *Sacrosanctum Concilium*, a que já nos referimos várias vezes. A *ars celebrandi* não pode ser reduzida à mera observância de um aparato de rubricas, nem pode ser pensada como uma criatividade fantasiosa – às vezes selvagem – sem regras. O rito é em si uma norma, e a norma nunca é um fim em si mesma, mas está sempre ao serviço da realidade superior que quer proteger.

49. Como qualquer arte, requer conhecimentos diferentes.

Em primeiro lugar, a compreensão do dinamismo que a Liturgia descreve. O momento da ação celebrativa é o lugar onde, através do memorial, o mistério pascal se torna presente para que os

batizados, em virtude da sua participação, possam experimentá-lo nas suas vidas: sem esta compreensão, é fácil cair em “exteriorismo” (mais ou menos refinado) e rubricismo (mais ou menos rígido).

É necessário, portanto, saber como o Espírito Santo age em cada celebração: a arte de celebrar deve estar em sintonia com a ação do Espírito. Esta é a única maneira de se livrar dos subjetivismos, que são fruto da prevalência das sensibilidades individuais, e dos culturalismos, que são incorporações sem critérios de elementos culturais, que nada têm que ver com um correto processo de inculturação.

Por fim, é preciso conhecer a dinâmica da linguagem simbólica, a sua peculiaridade, a sua eficácia.

50. Destas breves observações decorre que a arte de celebrar não pode ser improvisada. Como qualquer arte, requer aplicação regular. Um artesão só precisa da técnica; a um artista, além do conhecimento técnico, não pode faltar inspiração, que é uma forma positiva de posse: o verdadeiro artista não possui uma arte, nem é possuído por ela. Não se aprende a arte de celebrar porque se frequenta um curso de oratória ou técnicas de comunicação persuasiva (não julgo as intenções, vejo os efeitos). Qualquer instrumento pode ser útil, mas deve estar sempre sujeito à natureza da Liturgia e à ação do Espírito. É necessária uma dedicação diligente à celebração, deixando que a própria celebração nos transmita a sua arte. Guardini escreve: “Devemos perceber quão profundamente enraizados ainda estamos no individualismo e no subjetivismo, quão desacostumados estamos ao chamamento das grandes coisas e quão pequena é a medida da nossa vida religiosa. Devemos despertar o sentido da grandeza da oração, a vontade de envolver também a nossa existência nela. Mas o caminho para esses objetivos é a disciplina, a renúncia ao sentimentalismo suave; um trabalho sério, realizado em obediência à Igreja, em relação ao nosso ser e ao nosso comportamento religioso” [15]. Assim se aprende a arte da celebração.

51. Falando deste tema, podemos pensar que se trata apenas de ministros ordenados que exercem o serviço da presidência. Na realidade, é uma atitude à qual todos os batizados são chamados a viver. Penso em todos os gestos e palavras que pertencem à assembleia: reunir, andar em procissão, sentar, levantar, ajoelhar, cantar, calar, virar, olhar, ouvir. Há muitas maneiras pelas quais a assembleia, como um homem (Ne 8,1), participa na celebração. Fazer o mesmo gesto juntos, falar ao mesmo tempo, transmite aos indivíduos a força de toda a assembleia. É uma uniformidade que não só não

mortifica, mas, ao contrário, educa cada fiel a descobrir a autêntica singularidade da sua personalidade, não com atitudes individualistas, mas com a consciência de ser um só corpo. Não se trata de seguir um protocolo litúrgico: trata-se de uma “disciplina” – no sentido usado por Guardini – que, se observada com autenticidade, nos forma: são gestos e palavras que ordenam o nosso mundo interior, fazendo-nos experimentar sentimentos, atitudes, comportamentos. Eles não são a afirmação de um ideal no qual nos inspiramos, mas uma ação que envolve o corpo na sua totalidade, ou seja, sendo uma unidade de alma e corpo.

52. Entre os gestos rituais que pertencem a toda a assembleia, o silêncio ocupa um lugar de absoluta importância. Várias vezes é expressamente prescrito nas rubricas: toda a celebração eucarística está imersa no silêncio que precede o seu início e marca cada momento do seu desenvolvimento ritual. Com efeito, ele está presente no ato penitencial; após o convite à oração; na Liturgia da Palavra (antes das leituras, entre as leituras e depois da homilia); na oração eucarística; depois da comunhão [16]. Não é um refúgio para se esconder em isolamento íntimo, sofrendo a ritualidade como se fosse uma distração: tal silêncio contrariaria a própria essência da celebração. O silêncio litúrgico é muito mais: é o símbolo da presença e da ação do Espírito Santo que anima toda a ação celebrativa, para a qual muitas vezes constitui o culminar de uma sequência ritual. Precisamente por ser símbolo do Espírito, tem o poder de expressar a sua ação multiforme. Assim, voltando aos momentos que recordei anteriormente, o silêncio leva ao arrependimento e ao desejo de conversão; estimula a escuta da Palavra e a oração; dispõe à adoração do Corpo e Sangue de Cristo; sugere a cada um, na intimidade da comunhão, o que o Espírito quer operar na nossa vida para nos conformar ao Pão partido. Por isso, somos chamados a realizar com extremo cuidado o gesto simbólico do silêncio: nele o Espírito nos dá forma.

53. Cada gesto e cada palavra contém uma ação precisa e sempre nova, porque encontra um momento sempre novo na nossa vida. Deixem-me explicar com um exemplo simples. Ajoelhamo-nos para pedir perdão; quebrar o nosso orgulho; entregar as nossas lágrimas a Deus; para suplicar a sua intervenção; agradecer-lhe um dom recebido: é sempre o mesmo gesto, que exprime essencialmente a nossa pequenez diante de Deus. No entanto, realizado em diferentes momentos das nossas vidas, modela a nossa profunda interioridade e depois manifesta-se externamente no nosso relacionamento com Deus e com os nossos irmãos. Ajoelhar-se também deve ser feito com arte, ou seja, com plena consciência do seu significado simbólico e da necessidade que temos de expressar, através deste gesto, o nosso modo de estar na presença do Senhor. Se tudo isto vale para

este simples gesto, quanto mais para a celebração da Palavra? Que arte somos chamados a aprender anunciando a Palavra, ouvindo-a, fazendo dela a inspiração da nossa oração, fazendo-a viver? Tudo isto merece o máximo cuidado, não formal, exterior, mas vital, interior, porque cada gesto e cada palavra da celebração expressa com “arte” forma a personalidade cristã do indivíduo e da comunidade.

54. Se é verdade que a *ars celebrandi* diz respeito a toda assembleia que a celebra, não é menos verdade que os ministros ordenados devem ter um cuidado especial com ela. Ao visitar as comunidades cristãs, verifiquei muitas vezes que o seu modo de viver a celebração está condicionado – para melhor, e infelizmente também para pior – pela forma como o seu pároco preside à assembleia. Poderíamos dizer que existem diferentes “modelos” de presidência. Eis uma possível lista de atitudes que, embora opostas, caracterizam a presidência de uma forma certa inadequada: rigidez austera ou criatividade exagerada; misticismo espiritualizante ou funcionalismo prático; pressa precipitada ou lentidão acentuada; descuido desganhado ou refinamento excessivo; afabilidade superabundante ou impassibilidade hierática. Apesar da amplitude desta gama, acredito que a inadequação desses modelos tem uma raiz comum: um personalismo exagerado no estilo comemorativo que, às vezes, expressa uma mania mal disfarçada de protagonismo. Isto costuma ser mais evidente quando as nossas celebrações são transmitidas online, algo que nem sempre é apropriado e sobre o qual devemos refletir. Claro que essas não são as atitudes mais difundidas, mas as assembleias são frequentemente o objeto desses “maus-tratos”.

55. Muito poderia ser dito sobre a importância e cuidado da presidência. Em várias ocasiões me detive na exigente tarefa da homilia [17]. Vou agora limitar-me a algumas considerações mais amplas, querendo, mais uma vez, refletir com vocês sobre como somos formados pela Liturgia. Penso na normalidade das missas dominicais nas nossas comunidades: refiro-me, então, aos sacerdotes, mas implicitamente a todos os ministros ordenados.

56. O sacerdote vive a sua própria participação durante a celebração em virtude do dom recebido no sacramento da Ordem: esta tipologia exprime-se precisamente na presidência. Como todos os ofícios que ele é chamado a desempenhar, esta não é, em primeiro lugar, uma tarefa atribuída pela comunidade, mas a consequência da efusão do Espírito Santo recebida na ordenação, que o qualifica para essa tarefa. O sacerdote também se forma presidindo à assembleia que celebra.

57. Para que este serviço seja bem feito – com arte – é de fundamental importância que o sacerdote tenha, sobretudo, a viva consciência de ser, por misericórdia, uma presença particular do Ressuscitado. O ministro ordenado é em si mesmo um dos caminhos da presença do Senhor que torna a assembleia cristã única, diferente de qualquer outra (cf. *Sacrosanctum Concilium*, 7). Este facto dá profundidade “sacramental” – em sentido amplo – a todos os gestos e palavras daquele que preside. A assembleia tem o direito de poder sentir nesses gestos e palavras o desejo que o Senhor tem, hoje como na última ceia, de continuar a comer a Páscoa conosco. Portanto, o Ressuscitado é o protagonista, e não a nossa imaturidade, que procura assumir um papel, uma atitude e uma forma de se apresentar, que não lhe corresponde. O próprio sacerdote é tomado por este desejo de comunhão que o Senhor tem com cada um: é como se estivesse colocado entre o coração ardente do amor de Jesus e o coração de cada crente, objeto do seu amor. Presidir à Eucaristia é mergulhar na fornalha do amor de Deus. Quando essa realidade é compreendida ou mesmo intuída, certamente já não precisamos de um diretório que dite o comportamento adequado. Se precisamos, é por causa da dureza dos nossos corações. O padrão mais alto e, portanto, o mais exigente, é a própria realidade da celebração eucarística, que seleciona as palavras, os gestos, os sentimentos, fazendo-nos compreender se são ou não adequados à tarefa que devem desempenhar. Obviamente, isto também não pode ser improvisado: é uma arte, requer a aplicação do sacerdote, ou seja, a frequência assídua do fogo do amor que o Senhor veio trazer à terra (cf. Lc 12,49).

58. Quando a primeira comunidade parte o pão obedecendo ao mandamento do Senhor, fá-lo sob o olhar de Maria, que acompanha os primeiros passos da Igreja: “entregavam-se assiduamente à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus” (At 1,14). A Virgem Mãe “supervisiona” os gestos do seu Filho confiados aos Apóstolos. Assim como conservou no seu seio o Verbo feito carne, depois de acolher as palavras do anjo Gabriel, a Virgem também agora conserva no seio da Igreja aqueles gestos que compõem o corpo do seu Filho. O sacerdote, que em virtude do dom recebido pelo sacramento da Ordem repete esses gestos, é guardado no seio da Virgem. Precisamos de uma norma que nos diga como nos devemos comportar?

59. Convertidos em instrumentos para que o fogo do seu amor arda na terra, guardado nas entranhas de Maria, Virgem feita Igreja (como cantava São Francisco), os sacerdotes deixam-se modelar pelo Espírito que quer levar a cabo a obra que começou na sua ordenação. A ação do Espírito oferece-lhes a possibilidade de exercer a presidência da assembleia eucarística com o temor de Pedro,

consciente de sua condição de pecador (cf. Lc 5,1-11), com a forte humildade do servo sofredor (cf. Lc 5,1-11). cf. Is 42 ss), com o desejo de “ser comido” pelas pessoas que lhes foram confiadas no exercício quotidiano do seu ministério.

60. A própria celebração educa esta qualidade da presidência; repetimos, não é uma adesão mental, embora toda a nossa mente, bem como a nossa sensibilidade, estejam envolvidas nela. O sacerdote é, portanto, treinado para presidir através das palavras e dos gestos que a Liturgia coloca nos seus lábios e nas suas mãos.

Ele não se senta num trono [18], porque o Senhor reina com a humildade de quem serve.

Não rouba a centralidade do altar, sinal de Cristo, *de cujo lado, trespassado na cruz, jorrava sangue e água, início dos sacramentos da Igreja e centro do nosso louvor e ação de graças* [19].

Ao aproximar-se do altar para a oferta, o sacerdote aprende humildade e arrependimento com as palavras: “Aceita, Senhor, os nossos corações contritos e espíritos humildes; seja este o nosso sacrifício de hoje e seja agradável na tua presença, Senhor nosso Deus” [20].

Não pode vangloriar-se do ministério que lhe foi confiado, porque a Liturgia o convida a pedir para ser purificado, com o sinal da água: “Lava o meu crime, Senhor, e purifica o meu pecado” [21].

As palavras que a Liturgia põe nos seus lábios têm significados diferentes, que exigem tonalidades específicas: pela importância dessas palavras, pede-se ao sacerdote que dê uma verdadeira *ars dicendi*. Estes moldam os seus sentimentos íntimos, seja na súplica ao Pai em nome da assembleia, seja na exortação dirigida à assembleia, bem como nas aclamações juntamente com toda a assembleia.

Com a oração eucarística – da qual participam também todos os batizados, ouvindo com reverência e silêncio e intervindo com aclamações [22] – quem preside tem a força, em nome de todo o povo santo, de recordar ao Pai a oferta do seu Filho na última ceia, para que esta imensa dádiva volte a estar presente no altar. Ele participa nessa oferta com a oferta de si mesmo. O sacerdote não pode falar com o Pai sobre a Última Ceia sem participar nela. Ele não pode dizer: “Tomai e comei todos vós, porque este é o meu Corpo, que será dado por vós”, e não viver o

mesmo desejo de oferecer o seu próprio corpo, a sua própria vida pelas pessoas que lhe foram confiadas. É o que acontece no exercício do seu ministério.

O sacerdote é continuamente treinado na ação celebrativa para tudo isto e muito mais.

61. Quis apenas oferecer algumas reflexões que certamente não esgotam o imenso tesouro da celebração dos santos mistérios. Peço a todos os bispos, sacerdotes e diáconos, aos formadores dos seminários, aos professores das faculdades teológicas e escolas teológicas, e a todos os catequistas, que ajudem o povo santo de Deus a beber daquilo que sempre foi a principal fonte de espiritualidade cristã. Somos continuamente chamados a redescobrir a riqueza dos princípios gerais expostos nos primeiros números da *Sacrosanctum Concilium*, compreendendo a íntima ligação entre a primeira Constituição conciliar e todas as outras. Portanto, não podemos voltar àquela forma ritual que os Padres Conciliares, *cum Petro e sub Petro*, sentiram necessidade de reformar, aprovando, sob a orientação do Espírito e segundo sua consciência de pastores, os princípios dos quais nasceu a reforma. Os santos Pontífices Paulo VI e João Paulo II, ao aprovar os livros litúrgicos reformados *ex decreto Sacrosancti (Ecumenici Concilii Vaticani II*, garantiram a fidelidade da reforma ao Concílio. Por isso, escrevi a *Traditionis custodes*, para que a Igreja possa suscitar, nas várias línguas, uma única e idêntica oração capaz de exprimir a sua unidade [23]. Esta unidade que, como já escrevi, pretendo ver restaurada em toda a Igreja de Rito Romano.

62. Gostaria que esta carta nos ajudasse a reviver o espanto diante da beleza da verdade da celebração cristã, a recordar a necessidade de uma autêntica formação litúrgica e a reconhecer a importância de uma arte da celebração, que está ao serviço da verdade do mistério pascal e da participação de todos os batizados, cada um com a especificidade da sua vocação.

Toda essa riqueza não está longe de nós: está nas nossas igrejas, nas nossas festas cristãs, na centralidade do domingo, no poder dos sacramentos que celebramos. A vida cristã é um caminho contínuo de crescimento: somos chamados a deixar-nos formar com alegria e em comunhão.

63. Por isso, gostaria de deixar mais uma indicação para continuarmos nosso caminho. Convido-vos a redescobrir o sentido do ano litúrgico e do Dia do Senhor: também esta é uma ordem do Concílio (cf. *Sacrosanctum Concilium*, n. 102-111).

64. À luz do que recordamos anteriormente, entendemos que o ano litúrgico é a possibilidade de crescer no conhecimento do mistério de Cristo, mergulhando a nossa vida no mistério da sua Páscoa, enquanto aguardamos o seu regresso. É uma verdadeira formação contínua. A nossa vida não é uma sucessão casual e caótica de eventos, mas um caminho que, de Páscoa a Páscoa, nos conforma a Ele enquanto aguardamos a vinda gloriosa de nosso Salvador Jesus Cristo [24].

65. Ao longo do tempo, renovado pela Páscoa, a cada oito dias a Igreja celebra, no domingo, o acontecimento da salvação. O domingo, antes de ser um preceito, é um dom que Deus faz ao seu povo (por isso a Igreja protege-o com um preceito). A celebração dominical oferece à comunidade cristã a possibilidade de se formar através da Eucaristia. De domingo a domingo, a Palavra do Ressuscitado ilumina a nossa existência, querendo realizar em nós aquilo para que foi enviada (cf. Is 55,10-11). De domingo a domingo, a comunhão no Corpo e Sangue de Cristo quer também fazer da nossa vida um sacrifício agradável ao Pai, numa comunhão fraterna que se torna partilha, acolhimento, serviço. De domingo a domingo, a força do Pão partido sustenta-nos no anúncio do Evangelho em que se manifesta a autenticidade da nossa celebração.

Abandonemos as polémicas para ouvirmos juntos o que o Espírito diz à Igreja, mantenhamos a comunhão, continuemos a maravilhar-nos com a beleza da Liturgia. A Páscoa foi-nos dada, preservemos o desejo contínuo que o Senhor continua a ter de poder comê-la connosco. Sob o olhar de Maria, Mãe da Igreja.

Dado em Roma, em São João de Latrão, no dia 29 de junho, Solenidade dos Santos Pedro e Paulo, Apóstolos, no ano de 2022, décimo do meu pontificado.

FRANCISCO

—

Deixem o homem inteiro tremer com medo, deixem o mundo inteiro tremer
E que o céu se regozije quando Cristo, o Filho do Deus vivo,
jaz no altar nas mãos do sacerdote!
Ó admirável celsitude e espantosa condescendência!
Ó sublime humildade, ó humilde sublimidade:
que o Senhor do mundo universo, Deus e Filho de Deus,
humilha-se a ponto de se esconder,
para nossa salvação, sob uma pequena forma de pão!
Eis, irmãos, a humildade de Deus
e derramem os vossos corações diante dEle;
Humilhai-vos também, para que sejais exaltados por Ele.
Em conclusão:
não retenham nada de vós mesmos para vós mesmos
Para que Aquele que se dá por inteiro por vós possa receber-vos por inteiro!

São Francisco de Assis, Carta a toda a Ordem II, 26-29

[1] Cfr. Leo Magnus, *Sermo LXXIV: De ascensione Domini II*, 1: «quod [...] Redemptoris nostri conspicuum fuit, in sacramenta transivit».

[2] *Præfatio paschalis III, Missale Romanum* (2008) p.367: «Qui immolatus iam non moritur, sed semper vivit occisus».

[3] Cfr. *Missale Romanum* (2008) p. 532.

[4] Cfr. Augustinus, *Enarrationes in psalmos. Ps. 138,2; Oratio post septimam lectionem, Vigilia Paschalis, Missale Romanum* (2008) p. 359; *Super oblata, Pro Ecclesia (B), Missale Romanum* (2008) p. 1076.

[5] Cfr. Augustinus, *In Ioannis Evangelium tractatus XXVI*,13.

[6] *Litteræ encyclicæ Mediator Dei* (20 Novembris 1947) en *AAS* 39 (1947) 532.

[7] *AAS* 56 (1964) 34.

[8] R. Guardini, *Liturgische Bildung* (1923) en *Liturgie und liturgische Bildung* (Mainz 1992) p. 43.

[9] R. Guardini, *Der Kultakt und die gegenwärtige Aufgabe der Liturgischen Bildung* (1964) en *Liturgie und liturgische Bildung* (Mainz 1992) p. 14.

[10] *De Ordinatione Episcopi, Presbyterorum et Diaconorum* (1990) p. 95: «Agnosce quod ages, imitare quod tractabis, et vitam tuam mysterio dominicæ crucis conforma».

[11] Leo Magnus, *Sermo XII: De Passione III*, 7.

[12] Irenæus Lugdunensis, *Adversus hæreses IV*, 20, 7.

[13] R. Guardini, *Liturgische Bildung* (1923) en *Liturgie und liturgische Bildung* (Mainz 1992) p. 36.

[14] *Cantico delle Creature*, Fonti Francescane, n. 263.

[15] R. Guardini, *Liturgische Bildung* (1923) en *Liturgie und liturgische Bildung* (Mainz 1992) p. 99.

[16] Cfr. *Institutio Generalis Missalis Romani*, nn. 45; 51; 54-56; 66; 71; 78; 84; 88; 271.

[17] Ver Exhortación apostólica *Evangelii gaudium* (24 Noviembre 2013), nn. 135-144.

[18] Cfr. *Institutio Generalis Missalis Romani*, n. 310.

[19] *Prex dedicationis em Ordo dedicationis ecclesiae et altaris* (1977) p. 102.

[20] *Missale Romanum* (2008) p. 515: «In spiritu humilitatis et in animo contrito suscipiamur a te, Domine; et sic fiat sacrificium nostrum in conspectu tuo hodie, ut placeat tibi, Domine Deus».

[21] *Missale Romanum* (2008) p. 515: «Lava me, Domine, ab iniquitate mea, et a peccato meo munda me».

[22] Cfr. *Institutio Generalis Missalis Romani*, nn. 78-79.

[23] Cfr. Paulus VI, Constitutio apostolica *Missale Romanum* (3 Aprilis 1969) en *AAS* 61 (1969) 222.

[24] *Missale Romanum* (2008) p. 598: «... exspectantes beatam spem et adventum Salvatoris nostri Iesu Christi».